

RELAÇÕES DOS ESPAÇOS COM O TEMPO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR: CONVERSÃO DOS ESPAÇOS EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO- EDUCATIVO E LUGARES DE MEMÓRIA

Ernesto Candeias Martins[*]

[*] Doutor em Educação - Instituto Politécnico de
Castelo Branco ernesto@ipcb.pt

Resumo

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica e de análise histórico-descritiva e hermenêutica, no campo da História da Educação/História das Instituições Escolares, versando sobre os espaços escolares e as suas relações com o tempo escolar, processo educativo, arquitetura escolar e património histórico-educativo. Os objetivos pretendidos são: definir o espaço escolar como espaço social com uma relação ao tempo escolar; analisar o espaço escolar na sua diversidade e diversificação escolar; relacionar os espaços escolares com a organização escolar das salas de aula e cultura material da educação; analisar diversas morfologias de organização espacial de sala de aula; Valorizar os espaços escolares no património histórico-educativo e na memória educativa. Alertamos para o interesse da conservação, catalogação, exposição e estudo dos espaços escolares e para os estudos de memória e cultura material da escola.

Palavras-chave: Espaço escolar; tempo escolar; memória histórico-educativa; cultura material da educação

Introdução

É sabido que o espaço escolar evoluiu para uma estabilidade e especificidade, com separações físicas e configurações da sua morfologia e arquitetura. Houve historicamente uma tendência do espaço escolar e das atividades escolares, devido a exigências de autonomia própria a configurar-se como espaço estável, independentemente de outro poder ou espaço social (religioso, particular), destinado à educação ou instrução e, por isso, era construído com fins estabelecidos e arquitetonicamente identificáveis nos seus traços morfológicos visíveis e funcionais (HUSTI, 1992). Um bom exemplo diferenciador é a arquitetura (edifícios) e os espaços escolares dos asilos com as escolas de ensino elementar, no século XIX e parte do século XX. Uma escola é uma escola, construída na base de um projeto arquitetónico, com maior impregnação na sua morfologia pelas pedagogias e decisões conjunturais na época e que, ainda hoje, são visíveis quando identificamos essa construção específica (DOMÈNECH & VIÑAS, 1997). Quanto os asilos, adequações de antigos palacetes e casas senhoriais tinham uma funcionalidade preventiva, assistencial e educativa para crianças/jovens desvalidas, vadias, abandonadas.

Em termos históricos a evolução e autonomia dos espaços (social, religioso, ambiental, cultural), especialmente o educativo que se destinou ao ensino e, por isso, a sua edificação teve propósitos pedagógicos (localização, estrutura morfológica e envolvimento com meio físico) nas construções escolares, a partir do séc. XIX, por exemplo, as escolas Conde Ferreira, Adães Bermudes e Raul Lino, excluindo alguns períodos histórico-educativos em que esses espaços se adaptaram à morfologia de palácios, conventos e instituições religiosas, resultante da expulsão de ordens religiosas, em especial dos jesuítas. É verdade que em Portugal, como em outros países, as escolas, em especial as Escolas Normais, localizavam-se em edifícios provenientes de conventos, palácios ou instituições religiosas e beneméritas e, daí serem identificadas nos aspetos morfológicos, por exemplo: acesso desde o exterior, a grandeza monumental da fachada, os claustros, os corredores e tetos amplos, escadas de acesso a andares superiores, a insuficiência ou tipologia própria dos pátios exteriores de recreio e desporto, etc. A preocupação pelos espaços do ensino primário provém desde o séc. XIX, em edifícios municipais ou religiosos, instalações alugadas e, até, com construções próprias pagas por beneméritos. Pouco a pouco foram surgindo disposições normativas e

jurídicas para a construção de edifícios escolares, com exigências higiénicas, pedagógicas e de localização.

Para A. Viñao Frago (1988) as instituições escolares constituíram-se, com projetos de construção própria ou adequados, a lugares onde os educandos vão durante os dias do ano e em horas concretas. O espaço físico, o lugar edificado, moldado e habilitado ao tipo de ensino/instrução para os alunos aprenderem articula-se, pois com o tempo escolar. Ambos elementos, espaço e tempo, configuram as atividades escolares. Não deixa de ser curioso que um dos aspetos mais problemáticos para a organização escolar e para os professores é a funcionalidade dos espaços e o tempo escolar destinado o que implica um condicionamento nas tarefas e funções educativas. Ou seja, o espaço escolar relaciona-se com o processo de escolarização, com os edifícios (arquitetura, construção) e cultura material da educação – património histórico-educativo. Quando dizemos no título que os “[...] espaços socializam e educam” é porque eles possuem essa dimensão educativa (MESMIN, 1973, p. 105), facilitando ou dificultando as interações, os modos de comunicar/aprender na aula, as atividades e a mobilidade ou funções do professor.

De facto, os espaços escolares e, em particular, as salas de aula constituem um campo de forças materiais e sociais, com uma configuração moldada a uma tripla dialética interativa: aberto ou fechado à acessibilidade com o exterior; interno e externo entre o que está dentro da sala de aula (cultura material escolar) e o que está fora; comum e à função própria do grupo de alunos e ao currículo/unidade de aprendizagem. O espaço não é neutro, o espaço educa, existindo sempre implicações recíprocas entre o espaço e o tempo escolar no processo formativo dos alunos. Sabemos que qualquer atividade educativa precisa de um espaço, num tempo determinado e, por isso, a educação possui uma dimensão espacial. Daí que o espaço/tempo escolar são elementos constitutivos das atividades realizadas em particular na sala de aula. A ocupação do espaço pelos alunos, a sua utilização nos momentos de aprender supõe a constituição do seu lugar (VIÑAO FRAGO, 2006). É bom lembrar que para além dos espaços de aprendizagem formal (sala de aula, biblioteca), há outros espaços de conhecimento e sociabilidade, onde os alunos aprendem, experimentam e se relacionam (aprendizagens não formais). Escolarmente o espaço projeta-se e constrói-se desde o fluir das atividades, estando disponível e disposto para se converter no lugar de aprendizagem. A escola, enquanto instituição educativa, ocupa um espaço e um lugar no aluno (DOMÈNECH & VIÑAS, 1997).

Daí que a compreensão dos espaços, desde a perspectiva pedagógica, exija considerações sobre as relações ‘espaço – tempo - atividades’, constituindo a escola o lugar, que inclui a dimensão espacial das salas de aula e outros espaços físicos de aprendizagem.

Assentamos a nossa pesquisa em fontes, revisões bibliográficas e historiográficas, numa perspectiva histórico-educativa (História da Educação, História das Instituições Educativas), quer em Portugal (D. Justino e documento do Conselho Nacional de Educação, J. Pintassilgo & R. A. Costa, etc.), de Espanha (A. Escolano Benito, A. Viñao Frago, J. Domènech & J. Viñas, J. G. Sacristán, C. Pérez e artigos das revistas *Aula Innovación Educativa*, *Cuadernos Pedagógicos*, *Bordón*, *Pulso*, etc.) e algumas no Brasil (por exemplo, L.M. Faria Filho) e, ainda de N. Elias e C. Burke, num diálogo entre espaço e tempo escolar, no domínio da arquitetura e pedagogia, dos projetos de edifícios escolares e pedagogia dos espaços, de antropologia/fenomenologia dos espaços e a cultura material escolar, de organização dos espaços, de espaços identitários na escola, etc. De todos estes estudos extraímos toda uma análise que nos permitiu uma interpretação (hermenêutica), segundo os objetivos propostos.

Trata-se, pois de um estudo de teor histórico-descritivo e hermenêutico, que consiste numa revisão de bibliografia e/ou documental a respeito do espaço e tempo escolar. Ao versar, em particular, sobre os espaços escolares é norteado pelos seguintes objetivos: definir o espaço escolar como espaço social com uma relação forte ao tempo escolar; analisar o espaço escolar na sua diversidade e diversificação na instituição educativa; relacionar os espaços escolares com a arquitetura e organização escolar, o processo educativo e cultura material da educação; analisar diversas morfologias de organização no espaço de sala de aula; compreender a conversão dos espaços escolares em património histórico-educativo e lugar de memória (coletiva, individual) educativa. Queremos valorizar o interesse histórico da conservação, catalogação, exposição e estudo dos espaços escolares nas suas relações com a cultura material da educação e memória histórica, chamando a atenção dos historiadores para a cultura material da escola (ESCOLANO BENITO, 2007), seja na perspectiva de museu escolar (físico-virtual) ou no recordatório de diversas fontes históricas (visuais, orais e documentais).

Os espaços escolares: Da diversidade à diversificação

O espaço e o lugar constituem a dimensão espacial das atividades humanas e, daí a

escola ser o lugar de ensinar e aprender. Por vezes, pensamos que não conhecemos o tempo - espaço, quando na verdade só conhecemos uma série de fixações em espaços da estabilidade do Ser, ou seja, o espaço (comunica) conserva o tempo comprimido. A nossa memória não registra a duração concreta do tempo, mas é pelo espaço onde permanecemos muito tempo, como o escolar, e é nele onde encontramos os 'fosseis' dessa memória, através das recordações no tempo. São muitas as influências e encruzilhadas entre o espaço e tempo, pois recordamos espaços que preenchem em si mesmo um tempo (VIÑAO FRAGO, 1993-1994). Neste sentido a noção de tempo e da sua duração leva-nos à recordação (depósito de imagens). Ora a posse do espaço vivido pelos alunos é um elemento determinante no desenvolvimento da sua personalidade, mentalidade e sociabilidade no grupo/turma, principalmente na pré-escolar. Por isso, o espaço é uma realidade psicológica viva, onde a imaginação faz-nos criar aquilo que vemos e, por isso, a imagem vai para o real ou seja, "[...] extraímos as nossas configurações do nosso real" (BACHELARD, 1975, p. 36). No ato de valorização e evocação toda a memória é 're-imaginada' ou (Re)contada no momento temporal e espacial realizado, atribuindo à percepção e à memória uma imaginação reprodutora na colisão entre pensamento e realidade (BACHELARD, 1975).

Nesta dialética de espaço-lugar o que vale é o território (noção objetiva e/ou subjetiva) de índole individual/coletiva e de extensão variável. Daí que o território e o lugar são duas realidades (grupais e individuais) construídas (*construção social*). Portanto todas estas questões podem ser referidas ao âmbito da escola na configuração arquitetónica (física), de "[...] ordenação e organização espacial dos alunos, quer da cultura material da educação", dos usos e funções neste âmbito (MESMIN, 1973, p. 16).

É necessário assumir a escola como um lugar de realização de aprendizagens, mas também como reconhecimento das aprendizagens formais e não formais. Ou seja, é importante associar a axiologia e o social ao conceito de escola, fazendo assim uma ponte de ligação entre aquele tipo de aprendizagens formais e não formais (TRILLA, 1985). A escola deve de ser um ponto de encontro onde as aprendizagens se geram e desenvolvem, sendo postas em prática no dia-a-dia e vice-versa. Já dissemos, que o espaço surge como espaço geográfico-físico, onde a sociedade se organiza, segundo diversas necessidades. Assim sendo, existem espaços que

satisfazem necessidades aos níveis: cultural, histórico, civilizacional, entre outros. No dizer de Teixeira e Reis (2012, p.165), “[...] o espaço não se pode dissociar da sociedade que o habita e os tipos de organização que esta exhibe devem ser explicados pela relação estabelecida entre os dois – espaço e sociedade”. Quando se pretende (re)organizar o espaço existem três elementos estruturais: o edifício em si com a sua arquitetura e os espaços envolventes; a cultura material da educação que pode ser (re)organizada, tendo em conta as necessidades/dinâmicas de aprender dos alunos na turma; os materiais, que são usados de acordo com quem os manuseia, dando-lhe a utilidade mais adequada às tarefas escolares. Daí que o espaço da sala de aula seja um recurso polivalente que possa ser utilizado de muitas maneiras e do qual podem extrair grandes possibilidades para a formação (PAUL-LEVY; SEGAUD, 1983).

Na verdade o espaço como lugar introduz uma dialética do interno e o externo do que é a escola, numa relação com as salas de aula ou espaços (fechados, abertos) escolares que “[...] constituem estruturas de transição que criam nos alunos imagens, percepções, concepções diferentes sobre a sua funcionalidade e disposição” ou ordenação (AUGUSTOWSKY, 2005, p. 83-84). Assim a escola é o lugar onde se aprende e se ensina, mas também se “[...] examina e exclui” (MÉNDEZ, 2002, p 22). Essa aquisição das aprendizagens pelos alunos pode ser facilitada conforme o espaço onde se inserem, já que o espaço pode limitar ou estimular, segundo os métodos de ensino e estratégias utilizadas, ou até pela reorganização dos objetos e as dinâmicas sugeridas na realização das atividades. Assim, o espaço da sala de aula é construído segundo determinadas intenções, com intuito de satisfazer os alunos nas aprendizagens.

Por conseguinte, a escola é espaço e lugar, no dizer de A. Viñao Frago (1993-1994). É algo físico, material e uma construção cultural que gera fluxos de aprendizagens. Esta forma construída pelos alunos é uma ‘matéria’ organizada (organização escolar, cultura material da educação) e uma energia que flui, que se descompõe e reorganiza, ou seja, “[...] adapta-se à arquitetura física e do conhecimento”, já que educa (SILVANO, 2007, p. 104). Daí que a organização do espaço, a sua configuração como ‘lugar de’, constitui um elemento significativo do currículo escolar. Essa ordenação espacial supõe uma determinada distribuição e atribuição de funções e usos pelos alunos e professor. Neste sentido todo o espaço escolar é um lugar percebido, já que a percepção é um processo cultural e, por isso percebemos lugares,

espaços elaborados, construídos, com significados e representações, que se visualizam, recordam ou contemplam, mas sempre implicam uma interpretação determinada (percepção da disposição material dos espaços e dimensão simbólica) (ESCOLANO BENITO, 2007).

O tempo educativo na dinâmica escolar

Há várias definições operacionais de tempo escolar. Por exemplo, Scheerens (2014) distingue as seguintes categorias: tempo atribuído, formalmente especificado com recurso a subdivisões adicionais como o tempo de escola e de sala de aula; tempo efetivo de ensino; tempo utilizado na tarefa/atividade em que os alunos se ocupam ativamente no aprender durante as horas escolares; tempo escolar de aprendizagem em que os alunos trabalham a nível adequado de dificuldade e experimentam níveis de sucesso. O tempo escolar, tal como o espaço é o resultado da confluência de aspetos sociais, económicos, educativos e técnicos (ESCOLANO BENITO, 2007), mas depende da oportunidade dada aos alunos em aprender (tempo atribuído e de aprendizagem), das suas capacidades, da perseverança e compreensão do aprendido, da qualidade de ensino, etc.

Da forma como estruturamos o tempo ao longo do dia, das semanas e do ano letivo, essa imagem permanece e resiste a possíveis mudanças que surgem em nós. Também o fator social é importante, pois no tempo escolar é onde a criança/aluno se encontra sob maior vigilância e é mantida em condições seguras, sendo uma necessidade social o controlo que os adultos mantêm sob as crianças, tendo em conta os modos de vida, costumes e representações sociais. Existem diversos fatores que intervêm nesta função do tempo, entre os quais (MÉNDEZ, 2002): rotinas familiares; trabalho dos pais/família desajustado face ao calendário/horário letivos; meio de transporte e duração da viagem no percurso casa-escola-casa; existência de membros familiares em idade escolar que estão em instituições de ensino diferentes; condições familiares que afetam a realização das tarefas escolares (trabalhos de casa); necessidade de descanso; etc.

O sentido pluridimensional do tempo educativo e a multiplicidade de tempos intervenientes na educação definem as notas representativas do próprio tempo (SCHEERENS, 2014). Desta análise surge o duplo aspeto noético e histórico-biográfico do tempo educativo

situado na bidimensionalidade da consciência educadora (epistêmica e moral). Por isso, o tempo define-se como tempo de ação, ativador de futuro, impregnado de propriedades que caracterizam os ambientes temporais noético e histórico da realidade. É o reconhecimento da continuidade, da intencionalidade e indeterminação temporal que caracteriza o tempo da ação educadora no espaço escolar. Daí que o tempo ativo e reflexivo impregna-se de “*presencialidade*”, já que espacializa os tempos, as metas e as expectativas do projeto curricular, com os seus “[...] mecanismos prospetivos e retrospectivos, numa ancoragem reguladora da própria ação educativa” (PÉREZ, 2000, p. 23). Cabe ao ambiente temporal psicobiológico, sociocultural e histórico-biográfico, que adota ritmos, dinâmicas e estruturas de periodicidade, fazer vivenciar a quotidianidade educativa e/ou escolar e, simultaneamente “[...] a imagem de um tempo que designa indistintamente o retorno ao mesmo ou a uniformidade no transcurso” (PÉREZ, 2000, p. 68).

Sabemos historiograficamente que cada teoria educativa elaborou uma imagem temporal da educação, de tal forma que o pensar a educação implica abstrair uma determinada ideia de tempo: concepções diferenciadas de tempo correspondentes às diversas concepções da educação. No caso da educação contemporânea e as suas teorias o estudo do tempo e do tempo educativo remete-nos para os paradigmas educacionais racionalista, tecnológico, humanista e utópico, já que cada um deles apresenta imagens diferenciadas de tempo educativo como resultado da abertura temporal à realidade educativa (SCHEERENS, 2014). Lembramos que a educação constitui uma sequência de ações educativas ordenadas no tempo e espaço, e é nessa experiência que se percebe a direccionalidade do tempo (objetivo, subjetivo). Na prática pedagógica as ações formativas derivam-se da estrutura organizativa temporal admitindo nessa representação uma ordenação programada ou planificada (PINTASSILGO; COSTA, 2007).

Lembramos que a cadência e ritmo temporal nos processos de ensino foram abordados por Aniko Husti (1985, p. 38), através do *tempo móvel*, que implica “[...] novos procedimentos para a organização e utilização do tempo na escola”. Esta forma nova de conceber o tempo escolar, acompanha as transformações que teve a escola e a morfologia escolar, desde o séc. XIX, segundo Husti (1992), introduzindo um novo marco de ordenação temporal na escola, com os seguintes aspetos: o tempo como recurso pedagógico na definição dos objetivos educativos e necessidades dos alunos; a variabilidade da duração das sequências

dos objetivos educativos e necessidades dos alunos; a variabilidade da duração das sequências de ensino e o ritmo da programação das unidades curriculares; interdependência entre tempo escolar e capital horário (gestão e organização); variabilidade das sequências do ensino (flexibilidade curricular e adaptação horária); progressão das aprendizagens a ritmos variáveis, articulando aprendizagens formais e não formais, no âmbito do projeto educativo da escola. Assim, a noção do *tempo móvel* ancora-se na alternância de tempos intensivos/extensivos, curtos/amplos, ritmados ou pautados, numa riqueza de tempos, que empapam os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, fazendo que o tempo seja um instrumento pré configurador das sequências de ensino e aprendizagem, de forma construtiva e significativa.

Portanto, a forma como a escola organiza o tempo para aprender é decorrente das construções e necessidades históricas, sociais e culturais, que a determinaram em cada época. Na evolução histórica da escola destacamos a multiplicidade de elementos que interferiram e interferem na organização escolar e na construção da sua função. Ao abordar a abrangência dos tempos escolares e o seu processo de construção social referimo-nos ao papel das instituições educativas nesse processo. No entanto, as construções temporais melhor se desenvolvem e melhor se consolidam quando estas são o resultado da interseção de políticas e práticas educativas, ou seja, quando há legitimação das ações produzidas nessas instituições escolares.

Configuração e morfologia do espaço da sala de aula

Cada vez mais se torna necessário redefinir o espaço escolar, principalmente da sala de aula, pois este contribui para a adaptação, motivação e aprendizagem dos alunos. É verdade que não podemos descorar a funcionalidade dos espaços na escola (JUSTINO, 2017). Não é possível pensar em práticas de ensino sem situá-las no contexto (espaço) em que se inserem e, por isso, devemos compreender a sala de aula como um espaço. As exigências do ensino implica que os alunos permaneçam muitas horas na sala de aula, lugar onde aprendem, escrevem, escutam, refletem, interagem com os seus colegas. É importante melhorar os espaços dando-lhes mais conforto e bem-estar para os alunos, permitindo a interação de aprendizagens, ou seja, num espaço/sala de aula, mais acolhedor (BUFFA; PINTO, 2002). Questionar os espaços escolares dando-lhes um melhor aproveitamento, e, em particular o da

dos casos, os professores deparam-se com o problema de falta de espaço para novos métodos e dinâmicas de trabalho pedagógico e não conseguem o melhor aproveitamento dos mesmos, seja devido à sua dimensão ou área, seja pelo elevado número de alunos (atualmente nas escolas as turmas no ensino básico andam à volta de 24 alunos).

Uma das primeiras decisões do professor no início do ano é o ambiente da sala de aula, definindo a organização do espaço em termos de territórios pessoais ou em termos de funções (ESCOLANO BENITO, 1992; VIÑAO FRAGO, 2006). O modelo mais usual em Portugal é cada um/dois alunos tenham a sua mesa e toda a turma realize o mesmo tipo de atividades em determinado espaço de tempo. Existem dois tipos de elementos no espaço da sala de aula: uns são permanentes, aos quais o professor se deve adaptar segundo as atividades que realiza (dimensão da sala, tipo de mesas, situação dos focos de luminosidade, tipo de habitabilidade, etc.); e semimóveis, consoante as necessidades do professor e da turma podem ser alteradas de lugar. M. Zabalza (1992, p. 149) destaca o fator da “*influência das zonas*”, afirmando que os alunos empenhados nas “[...] tarefas situam-se perto do professor na zona frente-centro (*zona de ação*), enquanto que os alunos menos metidos no processo se situam lateralmente e para trás (*zona marginal*)”. Perante estas duas zonas no espaço da sala, o professor deverá ter em conta (SACRISTÁN, 2008): a mobilidade na sala; dirigir, a propósito, comentários aos alunos sentados nas partes posteriores e laterais (*zona marginal*); mudar periodicamente os alunos de lugar; estimular os alunos que normalmente se sentam nos lugares do fundo da sala para que se aproximem dos lugares da frente; ensinar na turma pequena para que os alunos não se dispersem numa sala grande; utilizar a escolha dos lugares pelos alunos como um indicador da sua autoestima e apreço pela escola.

Relativamente às diversas áreas que podem constituir uma sala de aula, tendo em conta alguns aspetos práticos (ZABALZA, 1992): as diferentes zonas deverão estar claramente delimitadas; as zonas devem ser colocadas de acordo com as exigências das atividades que nelas se vão realizar e tendo em conta a tranquilidade, a proteção e os recursos; as atividades incompatíveis, como por exemplo os jogos de construção e a leitura, devem estar bem separadas; todas as zonas devem de ser visualmente acessíveis a todos os alunos; os corredores devem ser claros e não se devem atravessar zonas de trabalho; evitar-se os amplos espaços livres propiciadores de brigas e atividades indevidas; a mesa do professor deve estar

colocada em ângulo ou esquina de maneira a que possibilite os movimentos ao longo da sala; os materiais devem estar facilmente acessíveis e na proximidade das respectivas zonas de trabalho; as salas devem possuir espaços opcionais para o aluno estar só, para trabalhar em pequenos grupos, para estar em grupos amplos, mesas individuais e outras para grupos, etc.

Em geral, os espaços devem ter funções para promover a identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescer, ter sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para o contato social e a privacidade. Além disso, no 1º Ciclo do ensino básico os espaços favorecem a concentração e interação dos alunos, facilitando as suas aprendizagens, valorizando a riqueza dos elementos didáticos e os diversos estímulos (materiais), caracterizadores da educação ministrada (JUSTINO, 2017).

Em termos legislativos no ano de 1988 o Ministério da Educação português publica o Decreto-Lei nº35/88, de 4 de fevereiro, no qual são referidos diversos aspetos acerca da vinculação de professores e educadores de forma a racionalizar os recursos humanos. Consideramos pertinente neste Decreto-Lei o artigo 4º que faz referência ao número de elementos do corpo docente de cada escola, tendo em conta a função relação professor/aluno. Neste diploma definiu-se que, escolas até 125 alunos deviam ter por cada 24 alunos um lugar docente e no caso de escolas com número superior a 126 dever-se-ia ter em conta o número total de alunos a dividir por 25, e o número de docentes necessários seria o quociente da divisão, arredondado por excesso (JUSTINO, 2017). É também definido que em escolas que tenham sala de aula de dimensão reduzida deve cada aluno ter uma área mínima de 1,25m². Posteriormente o Despacho nº 5048B/2013, de 12 de abril (Diário da República nº72, II série, parte C, 2º Suplemento) alterou o decreto anterior em relação ao número de alunos por sala de aula (artigo 19º), passando as turmas a ter 26 alunos. Define-se que os estabelecimentos de ensino de lugar docente único as turmas tenham 18 alunos e os estabelecimentos com mais de um lugar docente as turmas sejam de 22 alunos. Relativamente às turmas com crianças com necessidades educativas especiais, estas deverão ser constituídas por 20 alunos e não deverão ter mais de dois alunos com este tipo de necessidades. Tendo em conta aqueles normativos legislativos, os alunos com o passar do tempo deixaram de ter uma orientação individualizada, por parte do professor, porque com a implementação da nova legislação que define, um maior número de alunos por sala de aula, o professor passa a ter o seu tempo mais subdividido.

Modelos de disposição espacial na sala de aula do ensino básico

São vários os modelos disposição das mesas e cadeiras que o professor pode optar para reproduzir no seu espaço de sala de aula. Consoante o tipo de sala que o professor tem e o tipo de turma (caraterísticas), ele “[...] opta pela forma que melhor considere e se adapta às necessidades da turma, fazendo com que o espaço seja facilitador de aquisição de aprendizagens (PAUL-LEVY; SEGAUD, 1983, p. 45). As formas mais usuais de disposição do espaço de sala de aula tem como fonte fundamental a M. Teixeira e M. Reis (2012). Iniciamos a nossa explicação com o modelo de disposição das carteiras em círculo (Figura 1). Este modelo é útil para atividades de debate e/ou discussão, sendo, também um procedimento ou estratégia de ensino específico que pode ser utilizado por si só ou com uma série de modelos distintos. Este tipo de disposição permite aos alunos verem-se uns aos outros e interagem de uma melhor forma, facilitando a interação verbal (PEREC, 1992). Nesta organização existe o impedimento do professor não conseguir acompanhar os alunos de uma forma tão individualizada.

Teixeira e Reis (2012, p.176) defendem que a disposição em círculo melhora a interação livre entre alunos, permitindo-lhes conversarem livremente uns com os outros, e “[...] minimiza a distância emocional e física entre eles. Contudo, impede o professor de se movimentar livremente entre os seus alunos e/ou para o quadro”. As carteiras dispostas em círculo não permitem identificar o lugar do professor(a), já que cada lugar está disposto em relação ao outro: as pessoas estão num mesmo patamar, voltadas para o centro do círculo, podendo olhar e dirigir-se a qualquer outra, sem qualquer dificuldade. O quadro está fora do círculo (TEIXEIRA; REIS, 2012).

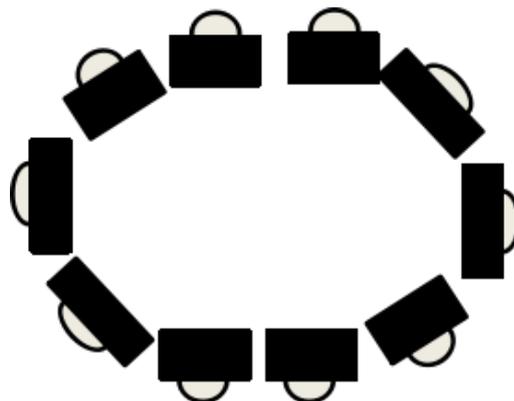


Figura 1 - Carteiras dispostas em círculo na sala de aula

A disposição da Figura 2 é muito utilizado pelos professores, com as carteiras dispostas em filas. Neste modelo o professor tem ser ativo (mobilidade) nas suas exposições e fazer com que os alunos desenvolvem a escuta ativa. Ou seja, este tipo de espaço é utilizado para aulas expositivas, privilegiando a exposição de novas aprendizagens, a atenção dos alunos face ao professor, por este se encontrar à sua frente. Os alunos conseguem visualizar de melhor forma o que é exposto no quadro, com as carteiras dispostas em filas, ou seja, “[...] sentam-se, uns atrás dos outros, voltados para o quadro” (TEIXEIRA; REIS, 2012, p. 170). Se imaginarmos o primeiro dia de aulas de um grupo nesta sala, poderemos deduzir que eles irão encontrar algumas dificuldades para se conseguirem ver, olhar, reconhecer. A sala está voltada para o quadro, para o (a) professor(a), mas não para o grupo/turma.

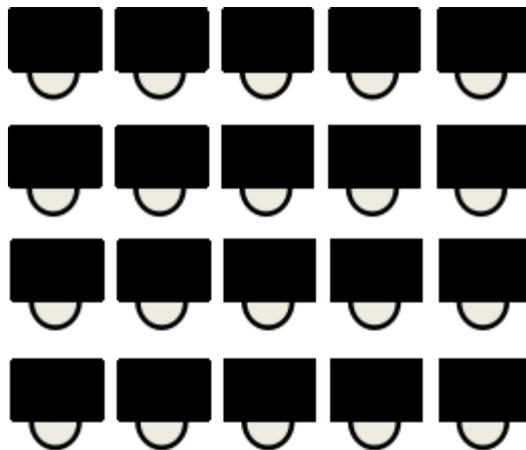


Figura 2 - Carteiras dispostas em filas na sala de aula

A Figura n.º 3 apresenta as carteiras agrupadas. Quando o professor necessita de criar grupos de discussão e/ou necessita que os alunos com maior facilidade de aquisição de novos conhecimentos auxiliem os colegas com menores capacidades, este espaço constitui um facilitador de acompanhamento dos alunos pelo professor. Se imaginarmos que este espaço está ocupado por alunos, poderemos vê-los sentados em pequenos grupos e os elementos de cada grupo olham-se, falam diretamente uns com os outros e podem ver os outros grupos. O quadro não é o centro e o professor(a) pode estar em diferentes lugares, acompanhando os diálogos e os trabalhos de cada grupo. Este tipo de organização deve ser “[...] utilizado sempre que desejarmos propor produções escritas, conversas e discussões em pequenos grupos” (TEIXEIRA; REIS, 2012, p. 171).

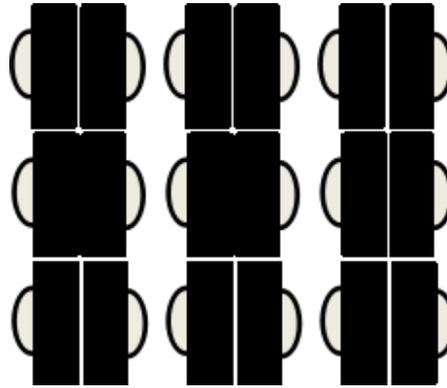


Figura 3 - Carteiras agrupadas na disposição de sala de aula

Neste modelo a ação do professor reflete-se na organização do espaço da sala de aula, para isso o espaço deveria ser sempre modificado consoante o tipo de aprendizagem e atividades a desenvolver, desta forma o professor conseguirá que os alunos atinjam mais facilmente os objetivos, a que este os propõe, de forma mais eficaz e a eficiente. Há uma interação entre a disposição dos alunos e os objetos (mobiliário) na aula e a metodologia e os processos educativos realizados. Assim, os espaços educativos, como ‘lugares de’, estão dotados de significados e significações, transmitem uma quantidade de estímulos, conteúdos e valorizações (currículo oculto), impondo as suas normas como organização disciplinar (JUSTINO, 2017; ZABALZA, 1992).

Em relação à organização espacial das salas de aula no 1.º Ciclo do Ensino Básico, na atualidade, ilustramos duas disposições (Figuras 4 e 5), pertencentes a escolas diferentes, na região de Castelo Branco. A Figura 4 ilustra a disposição mais habitual do espaço da sala de aula nas escolas do ensino básico em Portugal. Apresenta uma morfologia em formato retangular, muito semelhante ao que referimos na Figura 2. As mesas encontram-se dispostas em filas viradas para o quadro de giz (não se consegue visualizar, situa-se do lado direito da figura) e para a mesa da professora (situada no lado direito na ponta das mesas da fila da frente). Encontra-se ainda uma fila de mesas (fundo da imagem) virada para o centro da sala. Nas traseiras das mesas encontra-se o quadro interativo, o computador e ponto de água (fundo da sala do lado esquerdo).



Figura 4 - Disposição habitual do espaço da sala de aula ensino básico

Na Figura 5 as mesas foram colocadas em “U”, havendo nas pontas duas mesas, uma em cada ponta. No centro foram colocadas mesas em “I” para alunos com problemas de aprendizagem. Esta organização espacial foi adotada pelo simples motivo de ser a única forma de reorganizar a sala de forma diferente, tornando-se alvo de estudo. A localização do quadro atrás da disposição das mesas/cadeiras é pouco utilizado, pois a professora recorre muito às novas tecnologias - projetor vídeo, com projeção na outra parede oposta ao quadro. É curioso analisar a justificativa da professora a esta disposição, pois considera-a funcional para o apoio individualizado aos alunos por parte da mesma, preferencialmente os que revelam maiores dificuldades de aprendizagem, mas também existe uma maior facilidade de mobilidade. A professora adotou este formato ‘U’, pois permite interagir melhor com os alunos e controlar as atividades propostas e a comunicação. Temos certas reservas na preferência desta organização em ‘U’ face à iluminação natural, a qual que impede alguns alunos de conseguir ver o que se escreve no quadro, assim a postura lateral dos alunos, o que lhes pode provocar algum incômodo. Os professores que usam esta disposição, sendo rara de encontrar, tem uma opinião satisfatória face a esta experiência, reconhecendo que não é uma disposição ideal quando a turma é numerosa (tamanho e planta da sala de aula).



Figura 5 – Disposição do espaço da sala de aula em ‘U’ maior mobilidade

Atualmente, os espaços das salas de aula, no ensino básico em Portugal, para turmas mais ou menos constituídas entre 20 a 25/26 alunos, têm em geral a seguinte materialidade de objetos: mesas dispostas em filas horizontais, em que os alunos estão sentados dois a dois nas suas cadeiras; um quadro preto fixo na parede com o uso do giz e/ou quadro branco para marcador a cores, mas escasseia os quadros interativos; um computador para uso do professor; um projetor vídeo no teto; um placar de cortiça para colocar desenhos dos alunos e cartazes; um armário encostado à parede para guardar os livros, dossiês e outros materiais dos alunos e da professora; uma arrecadação para materiais; grandes janelas pelo que na maior parte do dia se usufrui da iluminação natural, havendo ao pé delas uma bancada com um lava-loiça para as crianças poderem lavar as mãos após as atividades; pode haver 1 mesa redonda de apoio de materiais e/ou de apoio individualizado aos alunos que necessitam de reforço às atividades e, onde podem ser realizadas sessões com o professor de apoio de educação especial; uma bancada etc.

Os espaços como património histórico e lugares de memória

Sabemos que os espaços escolares, edificados ou não e independentemente da sua origem fazem parte do património histórico-educativo, tendo sofrido várias modificações,

especificações e usos, por necessidades de escolarização, ao longo dos tempos (NÓVOA, 2005). Historicamente foram-se estabilizando na sua configuração morfológica para o ensino. Nessa evolução e autonomia espacial, relativamente a outros espaços que foram emergindo (direção escolar, portaria, biblioteca, museu escolar, cantina, aulas específicas, secretaria, serviços administrativos, sala de reuniões, ginásio, salão de atos, etc.), assim como, sob influência da pedagogia froebeliana, higienismo escolar, escola do trabalho (Kerschensteiner) ou do ‘aprender fazendo’ de Dewey, como os espaços não edificados (pátios cobertos, campos para atividades desportivas e recreativas, zonas de jardins, experiências agrícolas, etc. (ESCOLANO BENITO, 2007).

Qualquer análise aos espaços escolares implica uma atenção especial às suas estruturas morfológicas materiais, à sua dimensão simbólica, às funções ou ao tipo de atividades neles realizados, à articulação e organização entre os diferentes espaços na instituição escolar. Ou seja, a sua compreensão exige uma observação coreográfica (ESCOLANO BENITO, 2003), como se fosse um cenário teatral, onde se distribui os alunos e se coloca o professor com uma maior ou menor mobilidade, se dispõe para uso o mobiliário e os objetos na realização das atividades, a dinâmica do ambiente educativo, segundo os métodos de ensino, etc. Temos a noção que se trata de uma representação complexa em que o espaço é algo real (físico e objetivo), desejado (pensado), prescrito (legislado, normalizado) e vivido (percebido, subjetivo, psicossocial) no qual se harmoniza, no dizer de Burke (2005, p. 494) a arquitetura e a pedagogia: “[...] el edificio escolar, sus diversos espáacios, los muros, las paredes, ventanas, puertas y muebles, junto com rincones exteriores, jardines y espáacios abiertos [...]”, que constituem elementos ativos configuradores de experiências da escola e de como compreendemos a educação.

De facto, os espaços são contendores, com mais ou menos sorte se produz e conserva (destrói) o património histórico-educativo, o qual inclui a arquitetura/edifícios, os espaços, cultura material da educação procedente do exterior ou produzida (objetos, artefactos, material didático/científico, mobiliário, livros de texto, cadernos escolares, fotografias, diplomas, caderneta escolar, etc.), que deve ser preservada, catalogada e exposta, seja em museus pedagógicos, espaços virtuais ou exposições, com a necessidade de (re)construir a memória social e educativa de cada geração (individual, coletiva).

Ideias (In) Conclusivas s reter

Na verdade, o espaço escolar não se reduz exclusivamente ao espaço de sala de aula, nem mesmo no tempo de um só mestre-escola onde havia espaços de entrada/saída, de recreio e para atender as necessidades fisiológicas. Todos os espaços têm relevância para a educação e aprendizagem dos alunos, desde a influência de Fröebel, da escola do trabalho e para a vida, do higienismo e do ‘aprender fazendo’ de J. Dewey. A diversidade é uma das características do espaço escolar para os contextos de aprendizagem. Neste sentido a ideia de escola de ensino básico supõe o ensino da leitura, da escrita e do cálculo (CHARTIER, 2005), já que nesta etapa educativa a criança estará pronta para aprender a ler pelo desenvolvimento ocorrido nessa idade da sua capacidade de mais lógica no raciocínio, verificando-se um acréscimo de interesse manifestado pela criança na sala de aula e, daí a importância da sua organização espacial pelo professor (VIÑAO FRAGO, 1993-1994). Ou seja, o ambiente escolar, voltado para racionalmente agrupar os conhecimentos e sistematizá-los didaticamente, “[...] não pode esquecer o trabalho em grupo (microensino) e a atenção às individualidades na evolução psíquica e pedagógica de cada aluno” (VIÑAO FRAGO, 1988, p. 1842). Por isso, a construção do tempo e espaço escolar é determinante para a aprendizagem e relação pedagógica.

É óbvio, que a organização do espaço da sala de aula é bastante influente nas aprendizagens dos alunos. Cada vez mais o professor tem de ter em conta as características da turma e qual a melhor forma de a motivar, sendo importante a disposição do espaço escolar para tornar as aprendizagens mais enriquecedoras e motivantes para os alunos (SACRISTÁN, 2008). Os discursos educativos e pedagógicos atuais do cotidiano escolar interpela, pelos seus objetos, a atualidade das permanências da organização espacial e escolar, no propósito de ensinar bem. A rarefação do debate sobre as práticas de ensino implica o progressivo desenvolvimento dos alunos, sem desvirtuar os necessários procedimentos daquilo que de mais importante acontece no interior das salas de aula: o aprender da criança, com interesse e motivação, numa interação ativa (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 1998).

Em definitivo, a escola reconstrói na sua escala administrativa e organizativa a “[...] organização do tempo da jornada escolar com o tempo social” (PÉREZ, 2000, p. 155). Cada vez mais as famílias recorrem a levar e trazer os seus filhos aos estabelecimentos de ensino, assim

como, a oferta de atividades no horário pós-letivo, de forma a melhorarem a relação escola-família. De facto, a organização do espaço é uma das dimensões fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos. Um espaço adequadamente organizado ajuda no desenvolvimento das suas potencialidades, à medida que contribui para o desenvolvimento de novas habilidades, sejam elas motoras, cognitivas ou afetivo-emocional. Por isso, os “[...] espaços escolares implicam o interesse e a atenção dos alunos nas aulas e atividades, com repercussão nos resultados por eles obtidos” (BUFFA; PINTO, 2002, p. 68). Mas, os condicionamentos económico-culturais das famílias, os fatores organizativos nas escolas, as conceções educativas e do currículo, o meio onde se insere a escola, os diferentes níveis educativos, as decisões de política educativa acerca da organização das aprendizagens, etc. irão sempre ter influência no tempo escolar. É importante refletir, segundo o professor espanhol da Universidade de Múrcia, A. Viñao Frago (1993-1994, p. 25) se o “[...] professor deve de ser um arquiteto do conhecimento e do seu próprio espaço”, ou seja, se deve optar por “modificar o espaço como deixá-lo estar tal como está estabelecido ou organizado”.

Constámos que há uma disputa entre espaço e tempo (institucionais), rígidos e inflexíveis e as temporalidades fluidas dos alunos que muitas vezes se evadem da escola por não conseguirem sincronia entre os tempos de vida e os tempos escolares (JUSTINO, 2017). A vida para eles constitui-se no movimento, no trânsito constante entre espaços e tempos de obrigação, da norma e da prescrição, mas seguro e agradável por haver predomínio da sociabilidade e vontade de estar com os colegas. Analisar o espaço e tempo escolar significa focar o olhar no quotidiano da escola, vivido e recordado pelos diferentes atores no cenário educativa de cada época, com experiências vivenciadas e relações nos mais variados espaços sociais, já que o quotidiano dos alunos se torna espaço/tempo significativo e, por isso gera memória sociohistórica.

Referencias

AUGUSTOWSKY, Gabriela. **Las paredes del aula**. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 2005.

BACHELARD, Gaston. **La poética del espacio**. (2.^a ed.). México, FCE, 1975.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971.** São Carlos/Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.

BURKE, C. Introduction. Containing the school child: architectures and pedagogies. **Paedagogica Historica**, 41 (4-5), 2005, p. 489-494

CANO, I. & LLEDÓ, A. I. Utilización del espacio de la clase. **Cuadernos de Pedagogía**, 159, p. 12-15, 1998.

CHARTIER, Anne-Marie. Escola, cultura e saberes. In: XAVIER, L.N. et al. (org.), **Escola, Cultura e Saberes.** Rio de Janeiro: Editora UFV, 2005, p. 9-28.

DE PABLO, P. Y TRUEBA, B. **Espacios y recursos para ti, para mí, para todos.** Madrid: Escuela Española, 1994.

DOMÈNECH, J. & VIÑAS, J. **La organización del espacio y el tiempo en el centro educativo.** Barcelona: Editorial Graó, 1997.

ESCOLANO BENITO, A. Tiempo y educación. Notas para una genealogía del almanaque escolar. **Revista de Educación - Revista Interuniversitaria**, nº 298, 55-79, 1992.

_____. Escenografías escolares: espáeios y actores. In: VV.AA., **Etnohistoria de la Escuela.** Burgos: universidade de Burgos, 2003, p. 365-375

_____. (ed.). **La cultura material de la escuela.** Berlanga de Duero: CEINCE, 2007.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FARIA FILHO, L. M. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação** (São Paulo), Vol. 24, nº 1 (jan./jun.), p. 141-159, 1998.

FARIA FILHO, L. M. & VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14 (maio a agosto), p.19-34, 2000.

GUTIÉRREZ, C. L. & LÓPEZ, C. P. El espacio como elemento facilitador del aprendizaje. Una experiencia en la formación inicial del professorado. **Pulso**, nº 25, p. 133-146, 2002.

JUSTINO, David (dir.) et. al. **Organização escolar: O Tempo.** Lisboa: CNE, 2017.

HUSTI, A. **Temps mobile.** Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, 1985.

_____. Del tiempo escolar uniforme y la planificación móvil del tiempo. **Revista de Educación**, n.º 298, p. 271-305, 1992.

MÉNDEZ, J. M^a A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto: ASA, 2002.

MESMIN, Georges. **L'Enfant, l'architecture et l'espace**. Tournai: Casterman, 1973.

NÓVOA, A. Sampaio da. **Evidentemente**: Histórias da Educação. Porto: ASA, 2005.

PAUL-LÉVY, Françoise; SEGAUD, Marion. **Anthropologie de l'espace**. Paris: Centre Georges Pompidou/Centre de Création Industrielle, 1983.

PEREC, Georges. **Especies d'espaces** (2.^a ed.). Paris: Galilée, 1992.

PÉREZ, Clara R. **El conocimiento del tiempo educativo**. Barcelona: Laertes, 2000.

PINTASSILGO, J. S.; COSTA, R. A Construção histórica do tempo escolar em Portugal (do final do século XIX às primeiras décadas do século XX). In: GÓMEZ-FERNÁNDEZ, J. G.; TOCINO, G. E.; BEAS-MIRANDA, M. (ed.s), **La Escuela y sus Escenarios**. Cádiz/Puerto de Santa María: Consejería de Cultura del Ayuntamiento, 2007, p. 105-130.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **El valor del tiempo en educación**. Madrid: Ed. Morata, 2008.

SCHEERENS, J. (ed.) **Effectiveness of Time Investments in Education. Insights from a Review and Meta-Analysis**. N. York: Springer, 2014.

SILVANO, Filomena. **Antropologia da espaço** (2.^a ed.). Lisboa: Celta Ed., 2007.

TEIXEIRA, Madalena T.; REIS, M.^a Filomena. Organização do Espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Revista Meta: Avaliação** (Rio de Janeiro), Vol. 4, nº 11, p. 162-187 (maio-agosto), 2012.

TRILLA, Jaume. **Ensayos sobre la escuela**: El espacio social y material de la escuela. Barcelona: Laertes, 1985.

VIÑAO FRAGO, A. **Tiempos escolares, tiempos sociales**: La distribución del tiempo y del trabajo en la enseñanza primaria en España (1838-1936). Barcelona: Ariel, 1988.

_____. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la Educación – Revista Interuniversitaria** (Salamanca), nº 12, p. 17-73, (enero-diciembre), 1993-1994.

_____. El espacio escolar. Viejas cuestiones, nuevos escenarios. In ESCOLANO BENITO, A. (dir.), **Historia ilustrada de la Escuela en España. Dos siglos de perspectiva histórica**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006, 289-302.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO BENITO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

ZABALZA, M. A. **Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola**. Porto: ASA Editores, 1992.

RELATIONSHIPS OF SPACES WITH THE TIME AND SCHOOL ORGANIZATION: CONVERSION OF HISTORICAL HERITAGE-EDUCATIONAL SPACES AND PLACES OF MEMORY

ABSTRACT

This is a study of literature review and hermeneutics and historical descriptive in the field of history of education/history of educational institutions, focusing on school spaces and its relations with the school time, the educational process, school architecture and historical heritage. The desired goals are: to define the school space as social space with a school time; analyze space in your school and school diversity; relate school spaces with school organization of classrooms and material culture of education; analyze various morphologies of spatial organization of the classroom; Enhance school spaces in the historical-educational and in memory. Alerted to the historical interest of conservation, cataloguing, exhibition and study of school spaces and for studies of memory and material culture of the school.

Keywords: School space; school time; historical-memory education; material culture education.

LAS RELACIONES DE LOS ESPACIOS CON EL TIEMPO Y ORGANIZACIÓN DE LA ESCUELA: CONVERSIÓN DE LOS ESPACIOS EN PATRIMONIO HISTÓRICO- EDUCATIVO Y LUGAR DE MEMORIA

RESUMEN

Es un estudio de revisión de bibliografía y de análisis histórico-descriptivo y hermenéutico en el campo de la historia de la educación/historia de las instituciones educativas, centrándose sobre los espacios educativos y sus relaciones con el tiempo escolar, proceso educativo, arquitectura y patrimonio histórico escolar. Los objetivos son los siguientes: definir el espacio de la escuela como espacio social y relación con el tiempo escolar; analizar el espacio en su diversidad y diversificación en la escuela, y su relación con la organización escolar de las aulas y cultura material de la educación; analizar diversas morfologías de la organización espacial del aula; analizar los espacios de la escuela y su conversión en patrimonio histórico-educativo y lugar de memoria. Alertamos para el interés histórico de la conservación, catalogación, exposición y estudio de los espacios escolares y aún para la memoria y cultura material de la escuela.

Palabras clave: Espacio escolar; tiempo escolar; memoria histórico-educativa; cultura material de la escuela

Recebido em 28 de julho de 2018 e aprovado para publicação em 30 de outubro de 2018.